

As palavras são úteis quando seguidas de actos que lhes dêem plena realização

Os grandes problemas não se resolvem com palavras, mas com actos. Há entre nós o hábito de se empregarem muitas palavras para tratar de assuntos que mais requerem energia e actos do que palavras. Com o problema da crise de trabalho já se têm gasto muitos vocábulos que na sua grande maioria se têm perdido no vazio.

Os governos cuja atenção tem sido sucessivamente solicitada para esta magna questão têm também empregado muitas palavras que se cífram em promessas até hoje não cumpridas.

Todos eles prometem ir estudar o assunto, que é a velha maneira governamental de pôr de remissa a resolução dos mais importantes problemas, iludindo o interessado que se embala em dóces esperanças que nunca chegam a ter realização.

Pecamos todos por nos deixarmos embalar nas boas palavras e sucede, por vezes, que chegamos a iludir-nos com as nossas próprias palavras.

Parce que, neste momento, alguns importantes organismos operários vão começar a agir. Três federações importantes, a dos Corticeiros, a Vinícola e a das Conservas vão reuniir-se em conferência para apreciar o problema da crise de trabalho. Oxalá em vez de resoluções que o caso refere, os delegados não desperdicem o seu tempo com palavras, muitas palavras.

O momento é grave e cada minuto que passa é de sofrimento. Cada minuto vale por um século. Inúmeras pessoas, uma legião de trabalhadores, esperam ansiosamente que a sua situação se modifique. E ela modificar-se-há, estamos certos, se da parte de todos os interessados houver energia, boa vontade e inteligência.

E' preciso, pois, acabar com a era das palavras para dar inicio a uma época futura de actos decisivos, dos quais o proletariado possa aproveitá-la com vantagem.

TEMAS DE ACTUALIDADE

A consciência de classe, única garantia de triunfo da causa dos trabalhadores

A moderna organização sindical pro-põe-se como a precursora de uma sociedade mais equitativa; e a sua acção será de grandes efeitos se os seus elementos morais souberem furtar-se à embriaguez que lhes pode ser inculcada por falsas teorias que os desviaram do verdadeiro caminho.

Não deixemos de ponderar que a prática é a fonte mais salutar, onde se poderá beber uma limpida noção dos problemas sociais. Aspiramos a uma sociedade, onde se não imputam deveres sem a afirmação de direitos, onde a razão seja norma de justiça. E' pelo advento dessa nova sociedade que cotidianamente damos o nosso esforço, acalentando todo o nosso ideal, mas sem deixar de ter em conta a distância que vai das intenções aos factos, tantas vezes sentindo o peso da evidência. Reconhecemos que se torna insuficiente o campo onde se reúnem os explorados que anseiam menos, por pão do que por justiça; mas o nosso idealismo leva-nos à questão moral, cuidando de tornar a nossa conduta em coerência com as nossas opiniões e tendo por culto a solidariedade e o respeito entre os homens.

Desta forma ficará implicitamente traçado o caminho: respeitar as opiniões dos outros, a dentro dum critério são e dos nossos sentimentos de liberdade, sem deixar de fazer a demonstração do que nos outros consideramos um erro. Quando seja sincero, cada um procurará instintivamente certificar-se do erro provável ou inexiste, no sentido desejo de não contribuir para que se avolume o desprestígio da sua classe, se alguma vez se tiver manifestado, porque o contrário seria retardar o triunfo da nossa causa, assim favorecendo o inimigo de toda a classe operária.

A situação económica e social do trabalhador é hoje profundamente deplorável. São poucas as garantias de liberdade, aliás conquistadas com homérico sacrifício; a exploração patronal faz sofrer dolorosamente os trabalhadores; e a crise de trabalho parece já ser uma represália contra o espírito de classe do operariado, afectando a força e a unidade dos sindicatos, neste momento tão imprescindíveis aos nossos objectivos ideais.

Se todos os produtores têm deveres sociais a cumprir, lógicamente, assiste-lhes razão em reclamar direitos e a defendê-los em todas as conjunturas. As classes têm, pois, de pugnar pelos seus interesses legítimos, organizando-se em sindicatos cuja ação sólida lhes proporciona o bem-estar. E esses sindicatos devem as classes insular. Faz parte daquele que o seu esforço resultem largos benefícios e se preparem melhores dias para os vindouros.

A BATALHA



UMA VELHA ASPIRAÇÃO

O descanso dominical para a imprensa

Porque não se efectiva uma regalia que também beneficia o público e as empresas

Volta a falar-se no descanso dominical para a imprensa. Será desta vez que ele será implantado? A essa velha reclamação dos trabalhadores de imprensa da *Batalha* de há muito alguma coisa mais do que a sua adesão platônica: periflhou-a, pondo-a em prática. Há anos que *A Batalha* não se publica às segundas-feiras. Nessas diárias também não se publica a maioria dos jornais e entre os que atenderam essa reclamação contam-se *O Mundo*, *O Rebate*, e o *Jornal do Comércio*, que é o mais antigo de todos. Ao domingo também não se publicam todos os jornais da tarde e da noite: *Diário de Lisboa*, *Diário da Tarde*, *As Novidades* estão inteiramente de acordo com esta medida e ainda a não puseram em prática devido à sua rivalidade com *A Epoca* e esta por sua vez com receio da concorrência de outros jornais.

A reclamação do descanso dominical para a imprensa não beneficia sólamente os que nela trabalham, beneficia também o público e as próprias empresas. Beneficia o público porque lhe poupa um dia por semana a compra dum ou mais jornais, sem que por isso fique privado de ter as notícias que o interessem. O domingo é um dia morto e os jornais da segunda feira não podem deixar de ser insípidos, quase não interessando os leitores.

O jornal é a crónica rápida, nervosa, impressiva da vida—e o domingo é um dia em que não se passa nada. Os operários não trabalham e não há, portanto, greves que começem ou greves que acabem nesse dia; a Bolsa não funciona e, portanto, o câmbio não sobe nem desce; os ministérios cerram as suas portas e a política não dá por isso uma notícia que interesse.

O resto da vida paralisia igualmente, exceção feita a umas outras sessões solenes a um ou outro acto público que não perde por aguardar mais 24 horas para chegar ao conhecimento do público. Além de que se caminha a passos largos para a semana inglesa, sendo num futuro próximo o domingo um dia ainda mais vazio do que actualmente, visto que suspendendo a actividade industrial e comercial a 1 hora da tarde, alguns acontecimentos, os raros acontecimentos que se efectuam nesse dia passarão a dar-se aos sábados. Estas são, sucedentemente expostas, as vantagens que dão ao público o descanso dominical. As empresas podem resumir-se ainda mais: os jornais vivem numa situação deficitária por várias razões, entre elas de quais não existir a imprensa como a indústria, a percentagem de analfabetos que sendo de 75% num país de escassa população restringe muito as tiragens, a carestia enorme do papel, de materiais, as despesas de instalação, luz, tipografia, impressão, redacção, informação, serviço telegráfico, etc., etc. A suspensão dos jornais una dia, semanalmente, atenuaria bastante esse déficit, visto que muitas das suas principais despesas seriam eliminadas. O descanso dominical já existe em vários países, entre elas a Espanha, Itália, Bélgica, Brasil e várias nações sul-americanas. Porque não se implanta entre nós essa justa medida? Escrivido será dizer que a *Batalha*, onde ela há anos foi posta em prática a apoio, como de resto todos às reclamações justas das classes trabalhadoras.

NA CIDADE DA HORTA CONTINUAM OS ABALOS SÍSMICOS

Segundo de Lisboa alguns navios de guerra com soterramento para as balsas, a favor das quais foi aberto um crédito de 2.000 contos

Pouco mais se sabe da tremenda catástrofe que destruiu uma grande parte da cidade da Horta. Ontem escassaram as notícias oficiais, atribuindo-se essa falta à preocupação das personalidades oficiais do Faial em prestar socorros às vítimas. Notícias particulares não foram recebidas.

Ao contrário do que se disse às primeiras notícias, o número de mortos é pequeno, sendo extensa a lista dos feridos. Sabese que centenas de famílias estão sem abrigo, que é incalculável o número de casas derrubadas; que o Asilo da Infância, a igreja anexa e outros templos abataram. A terra está sem recursos materiais e o operariado da ilha encontra-se a braços com a miséria, visto a catástrofe lhe ter roubado o seu trabalho habitual.

Nenhum dos sísmógrafos do continente deve ter registado o abalo, que não deve ter também sentido nas ilhas próximas do Faial. Isto quer dizer que o tremor de terra se confinou àquela ilha, repetindo-se assim o fenômeno já observado em 5 de Abril.

Os telegramas recebidos são bastantes confusos. Um deles afirma que numa das aldeias ficaram destruídos 400 fogos. Traçar-se-á a casa de pedra e cal? Parece que não. Os habitantes têm o costume de construir as suas moradias de pedra solta e, na Horta, embora muitos tremores de terra tenham assolado a cidade, a construção é defensiva e precária.

Na Horta há muito que se podia ter decretado apenas a construção em cal e pedra, de maneira que os muros fizessem um duro bloco, que resistisse a tanta das tentativas de desmoronamento.

Além dos já conhecidos, no ministério do Interior não têm sido recebidos porrmores da catástrofe sísmica que assolou a ilha do Faial. O sr. ministro do Interior

Enquanto os grandes responsáveis gozam protecção escandalosa os pequenos empregados do Angolo e Metrópole sofrem duras privações

Afonso de Sousa Monteiro, filho do Presidente do Tribunal da Relação de Lisboa andou negociando em trigo com notas de Alves dos Reis e ninguém o encomodou—Que relações teve a Moagem com o Angola e Metrópole? — Porque recebeu o «Diário de Notícias» 10.000 libras do Angolo e Metrópole?

Nesta questão do Angolo e Metrópole os pequenos que sofrem. E a arraia meúda é a sacrificada aos interesses mais altos. Ontem, nesta febre de aroamentos que atacou a investigação, foi arrolado o círculo de pesca de Santo António que pertencia a uma firma que fazia parte Alves Reis. Cercas de quarenta homens ficam à minguar, à fome, nesta época em que a indústria da pesca está atravessando uma crise ferrenha. São mais uns tantos famintos a juntar aos muitos que já existem.

Não pensaram as pessoas a quem o assunto está superiormente afecto na situação em que ficam todos estes trabalhadores que pertencem ao Banco Angolo e Metrópole e às firmas de Alves Reis. Há cerca de dez meses que os empregados bancários do Angolo e Metrópole lutam com as maiores dificuldades, misérias mesmo que curtem em silêncio na esperança de que os poderes públicos deles se lembram um dia.

Enquanto estes factos confrangentes se produzem, os grandes culpados da burla das notas, os maiores responsáveis desse delito gozam a maior liberdade cheia de abastança. Quais as razões por que os juízes investigadores, tão espertos, tão argutos, permitiram que Sousa Monteiro, filho do juiz, fosse o liquidário do trigo adquirido em nome dele, com notas de 500 escudos de «Vasco da Gama», que não eram deles? — e ao mesmo tempo deixavam apoderar nos escritórios de Alves Reis a cravagem de centeio que não estava em nome de Sousa Monteiro?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Tanta gente teve relações com Alves Reis e só os humildes sofreram, só os pequenos suportaram os horrores da miséria. Uns empregados estão na cadeia, como se tivessem culpa dos negócios do patrão, outros passam necessidades, sem que esta sociedade imoral vale mais um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

Depreende-se de tudo isto que houve uma protecção escandalosa a esse homem, cujas relações com a firma Alves Reis eram bem conhecidas. Entretanto, os empregados do Banco Angolo e Metrópole esperam há dez meses uma protecção que seria legítima visto que, sendo culpados deles, não eram um inocente corrupto que um empregado honesto.

Ele sabe que os grandes do Banco de Portugal tiveram com Alves Reis as relações mais estreitas, os negócios mais ilícitos, e vivem na consideração de toda a gente—e não se ha-de revoltar?

Quais as razões em que se basearam os juízes investigadores para mandarem prender todos os empregados de Alves Reis que trabalhavam com as notas de 500 escudos de «Vasco da Gama» que não eram deles?

meça por combater o infame amontoado de famílias que à falta de casas e numa mistura horrível para si agrupam e por causa de habitação para aí existem; as chamas casas de piso, algumas existentes até no coração da cidade e as intoleráveis e perigosas casas de perto e quartos de pouca permanência, de que muita matrona se governa e razoáveis patifes vivem?

Porque se não combate também a negrada exploração que um patronato ladravaz e rapinante de mistura com uma finança desonesto e um industrialismo mercantilista exerce, se todos conhecem que isso é outra das fontes do grande manancial da desgraça que se propõem combater?

Se não combatemos o mal por esse lado, que é então que tentamos fazer, se o próprio jornal que essa campanha levantou diariamente nos dá a ler anúncios em que uma imensidão de desgraçados a trôco de uns simples escudos se não importa de alugar o seu corpo, aos dias, às horas e até aos momentos! Poderemos nós, que idealizamos uma sociedade em que o amor não seja uma palavra vaga e o casamento um laço de traição ou desgraça, e que como tal somos atirados para o lado dos prisioneiros ou catos dos hospitais, tomar a sério uma tal campanha de moralidade se ao menos o jornal em questão, deparem duns com o inevitável "Salvemos as Raparigas" e do outro o anúncio "Senhora nova, pede empréstimo a cavaleiro para pagar como se combinhar"?

Creio bem que não, pois a descobrir o intento estão esses anúncios como estão os anúncios de "Quarto para pouca permanência" e o estado de aniquilação em que os accionistas desse mesmo jornal estão colocando a população, pelo acabamento, pela carestia e até pela adulteração de géneros de primeira necessidade. Combatais sim a miséria que por si se estende, desde as cadeiras chias da Avenida em que sem respeito alguma pelas moralidades as mais infelizes criaturas exibem a beleza(?) do seu corpo, até a esse descarramento, que é o baile das sopeiras; mas dentro dos nossos sindicatos, pela renovação da sociedade, pelo alargamento da escola e pela difusão dum moral nova, mais sá e mais completa, sem mulheres que se aluguem, homens que se explorem e crianças que se vendam.

Paulo EMILIO

Rápidos entre Lisboa e Porto aos domingos

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveram que a partir de 5 de Setembro próximo, os combois rápidos entre Lisboa e Porto que partem respectivamente de Lisboa às 17,30 e do Porto às 8,7 passem a efectuar-se também aos domingos.

"Educação Social"
Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—Empresa Literária Fluminense, Limitada—R. dos Reatores, 125—LISBOA

A venda na administração de **"A Batalha"**.

Sindicância aos actos de duas empregadas do Lactário n.º 1

Tendo-se dado factos anormais na Láctaria Municipal n.º 1, à Graca, o vogal da Comissão Administrativa, tenente-coronel sr. António Bivar de Sousa, suspendeu a encarregada Angelina Pinheiro e a ajudante Adelaide Pinto, ornementando uma sindicância aos actos das duas empregadas.

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de **"A Batalha"** acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo, de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, dando o seu preço avulso de \$5.

Aos sindicatos que desejarem naquirar quantidades ter-se-há um abatimento de 50 por cento em preços de 50 folhetos.

Pedidos a administração de **"A Batalha"**

DESPORTOS

Motociclismo

A volta ao mundo

No dia 30 de Agosto, dois motociclistas, montando duas motocicletas com side-car, uma guiada pelo sr. J. P. Castle, sub-editor de "The Motor Cycle" e a outra pelo muito conhecido corredor sr. B. H. Cathrick, saíram de Inglaterra para dar a volta ao mundo.

Contam para França, Espanha, Itália, Tchecoslováquia, Hungria, Iugoslávia, Bulgária, Turquia, Ásia Menor, Palestina, Síria, Mesopotâmia, Índia, Pérsia, F. M. S. & Strait Settlements, Sumatra, Java, Austrália, Nova Zelândia e Portugal, percorrendo 32000 quilómetros por terra.

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3\$00.

Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 6\$00.

No Século d'Africa (contos tradicionais indígenas), por Manuel Kopke, 6\$00.

A venda nas livrarias e na administração de **"A Batalha"**.

Depósito: Livraria Renascença, rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandra Azevedo

A representação da comédia em 3 actos de Raúl Geraldy e Robert Epitzer, tradução de Maria de Soto Mayor e Carlos Abreu

Se eu quisesse...

Nos primaciais papéis:

Germana—Ilda Stichini. Marcela—Albertina de Oliveira. Luisa—Maria Eulalia. Filipe—Alexandre Azevedo. Berthier—Raúl de Carvalho. Panon—Luis Pinto. René—Octávio Brandão.

Nova oficina do Sindicato Central do N. J. S. de Lisboa

O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa, tendo seguido com a máxima atenção os incidentes que se deram na C. G. T., não podia, por forma alguma, ficar silencioso, depois da assembleia geral deste Núcleo lhe ter incutido a elaboração dum nota oficiosa sobre o assunto. Os incidentes passados na C. G. T. não prestigiam ninguém; antes pelo contrário, envergonham todos aqueles que lutam em prol da causa revolucionária. O Secretariado Central do N. J. S. de Lisboa, conhecendo os individuos que levantaram a questão, reconhecealguns delas qualidades de trabalho, não lhes reconhecendo, porém, o direito de desmantelar a organização operária; por isso, ao dar publicidade a esta nota oficiosa, tem por fim pôr de aviso todos os jovens sindicalistas, assim como marcar a sua posição ante esses incidentes, perante a mesma organização.

As Juventudes Sindicalistas são uma organização de preparação revolucionária, nunca intervindo na vida interna da mesma, como organismos, mas sim jovens operários, sindicados nos seus respectivos sindicatos.

Notou também que o Comité Federal da F. J. S. e o Comité Nacional da U. A. P., não devendo, lógicamente, ter intervenção directa nesses incidentes, porque não competia, têm andado pela província fazendo uma campanha de mentiras que muito prejudica a organização operária e colocando numa péssima posição as Juventudes Sindicalistas perante a mesma organização.

O secretariado central do N. J. S. de Lisboa, interpretando o sentir da assembleia geral deste Núcleo, nega a autoridade moral ao comité nacional da U. A. P., pois que dele fazem parte individuos que conseguiram estar em desacordo com quasi todos os anarquistas de Lisboa; já porque alguns desses individuos tomaram parte directa ou indirectamente nesses incidentes, concorrendo assim para o desprestígio da organização operária, já porque elementos do mesmo comité, quando membros das Juventudes Sindicalistas, contribuiram o máximo para a sua desorganização, em favor da União Anarquista Portuguesa.

Estes factos foram constatados por todos os militantes que na C. G. T. tomaram parte no incidente, sssim como daqueles que militam fóra da C. G. T. Protesta energicamente contra a atitude tomada por alguns membros do comité federal da F. J. S. pela forma arbitrária como procederam, pondo-se ao lado do comité nacional da U. A. P., sem primeiro ter consultado o conselho federal da F. J. S., provocando assim, uma ruim atmosfera contra as Juventudes Sindicalistas, por parte dos organismos de Lisboa que conhecem o assunto, assim como das províncias que têm sido informados indirectamente da verdade dos factos por camaradas, amigos da organização operária. Faz público este secretariado que desde o momento em que o comité federal da F. J. S. tomou tal atitude, deixou este de lhe merecer confiança.

O Secretariado Central, assim como a assembleia geral deste Núcleo repudiam a circular dimanada daqueles comités, fazendo público esta declaração:

O Núcleo de Lisboa nada tem com a atitude tomada pelo comité federal da F. J. S., sendo essa a responsabilidade única daquelas camaradas que tomaram tal atitude dentro deles, ficando assim ilibada a sua responsabilidade, perante os incidentes passados dentro da C. G. T., lamentando que diversos individuos, falsos amigos da organização, andem fazendo uma campanha defensista contra a organização operária, pela província; pondo de sobreaviso todos os Núcleos das Juventudes Sindicalistas, assim como toda a organização operária, da sua ação nefasta.

O Secretariado Central do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa.

Secção Telegráfica Federações MOBILIÁRIA

Sindicato do Porto.—Recebemos ofício; os documentos já devem estar em vosso poder; amanhã segue ofício.

Quedas desastrosas

De uma "charrette"

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa, Feliciano Ferreira, de 24 anos, natural de Lisboa, empregado no comércio, morador na travessa Monte, 24, L., que caiu de uma "charrette" em Salvaterra de Magos, ficando com várias contusões pelas pernas.

De um carro eléctrico

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu para casa Júlio Queiroz, de 34 anos, empregado no comércio, natural de Lisboa, residente nos Olivais que caiu ao apesar de um carro eléctrico, na Junqueira, ficando ferido no rosto.

De um jumento

A enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, recolheu Jerônimo Vitor, de 14 anos, natural de Alpalhão, jorneiro, residente no logar do Polvorão, (Alpalhão) e que ali caiu de um jumento, ficando contuso na columna vertebral.

De uma arvore

No Banco do Hospital de São José, foi pensado e recolheu a casa António Dímas, de 10 anos, natural de Coja, residente na rua dos Anjos, 145, 3.º, que, na rua Palmira, caiu de uma arvore, ficando ferido na perna esquerda.

De um segundo andar

Deu entrada na Sala de Observações do Hospital de São José, Francisco Paulo, de 12 anos, servente de pedreiro, natural e residente em Evora de Alcobaça, que quando trabalhava num prédio em Alcobaça, caiu de altura de um 2.º andar, fracturando o crânio.

De uma janela

No Salão de Observações do Hospital de São José, faleceu ontem de manhã Maria Luisa Pires, de 3 anos, filha de Artur Maria Paiva e de Amelia Silva Pires, morador na rua Garrido, 36, 1.º, que, como noticiámos, caiu, anteontem, da janela da residência à

A salvação de "A Batalha" ainda está pendente do auxílio do operariado

Há cerca de três semanas e quando os nossos recursos estavam completamente exaustos lançámos nestas colunas um apelo ao operariado para que salvasse **"A Batalha"** de uma situação bastante delicada. Esse apelo, justo é dizê-lo, desde o primeiro momento foi correspondido pelo operariado e por grandes amigos desse jornal com valiosas importâncias que tornaram calma uma situação febril.

Mas triste é confessá-lo: o auxílio dispensado por esse punhado de homens livres, embora seja muito lisonjeiro, não trouxe, contudo, para **"A Batalha"** uma maré de rosas.

"A Batalha" ainda se encontra numa situação bastante crítica. As mudanças recebidas apenas permitem solver alguns dos mais urgentes compromissos. Mas outros compromissos têm que solver-se e **"A Batalha"** para o fazer não possui recursos.

O operariado, que leva o seu esforço até ao ponto de conservar de

pé o seu órgão na imprensa há mais de sete anos, tem que elevar esse esforço ao máximo: fazer com que o seu jornal viva decentemente sem o pesadelo que é o facto de se querer pagar uma dívida e não ter com quê.

Quere o operariado que essa situação termine? Não faça demorar o seu óbulo em favor da **"Batalha"** para que esta viva e possa prosseguir na sua grande obra. E creia que se o fizer não terá que se lamentar mais tarde de não possuir um jornal como a sua condição social impõe.

Transporte

4.273\$41	António Henrique	1\$00
5\$00	N. N. 2.	1\$50
2\$50	N. N. 3.	2\$50
2\$00	Alberto Dias Júnior	\$50
10\$00	Castelino da Silva	\$50
2\$50	Tomás Freitas	1\$00
2\$50	António Pereira Júnior	2\$50
17\$50	Jaime Freitas	1\$00
2\$50	João Guerreiro	2\$50
2\$50	António Pereira	1\$00
2\$50	Rui dos Santos	1\$00
2\$50	Joaquim d'Almeida	2\$50
7\$50	José Vicente	4\$00
10\$00	Alfredo Gomes	4\$00
5\$00	Júlio Martins	1\$50
5\$00	Mário Gomes	1\$00
5\$00	José Augusto	1\$00
2\$50	Peixoto	1\$00
10\$00	António Pais	1\$00
10\$00	Manuel Rafael	1\$00
28\$10	Manuel da Silva	1\$00
\$50	Tomás Vieira	1\$00
5\$00	Alvaro Farinha	1\$00
5\$00	Farinha (aprendiz)	1\$00
2\$00	João de Almeida	1\$00
1\$00	Manuel Coelho	1\$00
1\$00	Tomás Pônsa	1\$00
1\$50	Aprígio	1\$00
1\$50	Manuel Andrade	4\$00
1\$00	Jaime	1\$00
1\$00	António Costa	1\$00
1\$00	João Jorge	1\$00
1\$00	Bernardino da Silva	1\$00
1\$00	Carlos Viegas	1\$00
1\$00	Fausto Machado	1\$00
1\$00	Manuel Vinagreiro	1\$00
1\$00	Manuel Machado	1\$00
1\$00	Germánio Dinis	1\$00
1\$00	Bruno Machado Carapinha	1\$00
1\$00	Silvestre Moreira	1\$00
2\$00	António G. Burreca	1\$00
Na lista publicada em 31 de Agosto vem a importância de 40\$00 como sendo uma quete no Sindicato dos Operários Municipais, quando aquela importância é do correio do referido Sindicato.	32\$00	32\$00
1\$00	Cristiano Lima	25\$00
1\$00	Alfredo Marques	25\$00
1\$00	David de Carvalho	

CARTA DO PORTO

Uma fábrica que serve para símbolo da escravidão moderna

PORTO, 30.—A nossa humilde crónica acerca do que se passa intra-paredes da misteriosa fábrica de Cravel foi lida com certo alvoroço, quer por parte do pessoal escravizado, quer pela banda dos srs. gerentes ingleses e dos srs. mestres portugueses prosternados ante as arrogâncias britânicas — pelo que se tornam, muitas vezes, pior do que aqueles estrangeiros...

Nós já sabíamos que íamos perturbar a paz... escravizadora do grande estabelecimento fabril encravado num terreno que ainda deve fazer parte, um quase nada, do célebre e pitoresco Monte da Virgem. Ora para que essa paz... de Vassóvia Cravelliana possa dar lugar a uma outra mais razoável e mais justa, e que vamos hoje citar mais alguns casos para subsidiarmos a interessantíssima história da fábrica de Clark & C.º invasores de Santo Ovídio.

Princípios por dizer que aquele operário que se tinha magoado e quem muito humanitariamente lhe fôr recusada a devolução assistência, para estúpidos poupanços de mutualidade—já se apresentou ao serviço, depois de três semanas de sacrifícios físico-materiais. A única recompensa que recebeu pelo incidente de trabalho foi o apôdo, desfechado brutalmente pelo "sagrado" bocarra do mestre a quem se apresentara, de—malandro...

Para atestado honroso de como é tratado o pessoal em Cravel, aquilo é bastante...

O pessoal masculino da fábrica de Cravel está sob um regime rigoroso de revista apertadíssima. Ai daquele desgraçado que, por esquecimento, o que pode acontecer visto que trabalha nélés, leve no bolso um "pobre" carrinho ou mesmo um poucochito de desperício! Immediatamente é despedido, indo a britânicas vingança até à setima geração, isto é: estendendo-se o despedimento a toda a família que o infeliz possa ter nas secções fabris da firma aliada Clark & C.ºs...

Nada se desculpa, nada se atende.

Para o pessoal feminino estas degradâncias ainda não existem, mas é natural que se façam sentir quando as escravas menos as esperem.

Quanto ao pessoal graúdo, ao estado maior da Companhia londrina dos srs. Clark & C.ºs, o caso muda muito de figura. Quem revista essa gente? Ninguém; ela pode levar para casa todos os artigos que quiser, porque não há nisso prejuízo algum para os patrões de Londres.

Pra explicação de como excessivamente se zelam os interesses da Companhia de carrinhos de Cravel, basta apresentarmos o seguinte facto: o sr. gerente apeteceu-lhe há pouco comprar um "Minerva". Como, coitado, não estava assim muito abandonado em cabedais, teve de se sujeitar a mercar um "Minerva" já usado, um pouco velhote, visto não poder adquirir-lo novinho em folha.

Na fábrica existem mecânicos e pintores — o gerente, mui zelosamente, pô-los a reparar e a enverzir, por conta do lavrador, que é como quem diz, por conta de Clark & C.ºs, o descalabrado "Minerva", que hoje está um petit bijou, um primor, uma belasinha...

Mas isto não é desfalar a fábrica; dois fios de desperício é que deixam a casa a perder, muito pior do que um incêndio...

Devido à natureza complicativa dos machismos, o serviço na fábrica citada constitui um perigo, sucedendo haver quem tenha a infelicidade de se ferir amudadas vezes. Mas os mestres e a gerência todos se absolvem quando se dá tal azar — ameaçando o desgraçado ou desgraçada de lhe apontar o portão da estrada: «ou bem quem tém pessoal para trabalhar ou bem que não tém» — eis o que eles dizem. Portanto, ninguém tem que se aleijar, que se sinistrar, que seu filho ou filha da triste fatalidade no trabalho...

Quando assim são tão respingos que não dão qualquer subsídio às vítimas dos desastres, que faria então se elas fôssem mais humanas para aqueles ou aquelas que se magoam nas asperezas de um trabalho bestial...

Por agora chega. Guardemos alguma coisa para outra vez, porque não nos faltam excelentes ocasiões para almoços aos misteriosos da fábrica de Cravel — da celebre fábrica inglesa de Clark & C.ºs...

C. V. S.

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomado o

FEREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00. Envia-se pelo correio à cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima — Estatutos de 30 de Novembro de 1894

HORARIO DOS COMBOS

2.º Aditamento ao Cartaz herálio D. 177

Tramways entre Lisboa, Queluz e Cintra

Por motivo do Concurso de Bandas Regimentais que em Cintra se realiza nas noites de 3 e 6 de Setembro próximo, o comboio tramway n.º 1302, que parte de Cintra às 0-15, será suprimido nas referidas noites, sendo substituído pelo n.º 1324 cuja marca a seguir se indica:

Comboio n.º 1304 — Tramway — 1.º, 2.º e 3.ª classes — Cintra, P. 0,50 horas; Algueirão (ap.), P. 0,50 horas; Mercês, P. 0,50 horas; Rio de Mouro (ap.), P. 1,01 horas; Cacém, P. 1,08 horas; Barcarena (ap.), P. 1,13 horas; Queluz, P. 1,18 horas; Amadora, P. 1,22 horas; Damaria (ap.), P. 1,25 horas; Benfica, P. 1,29 horas; S. Domingos (ap.), P. 1,32 horas; Cruz da Pedra (ap.), P. 1,33 horas; Campolide, P. 1,37 horas; Lisboa-Rocío, C. 1,43 horas.

Lisboa, 28 de Agosto de 1926. — O diretor geral da Companhia, Ferreira de Mesquita.

LER E ASSINAR

"Os Mistérios do Povo"

MARCO POSTAL

Queluz.—F. Scheidecker.—Os 10 escudos para as "munições" foram entregues na administração e serão publicados na devida altura. Quanto à colaboração pode prosseguir endereçando-a a Joaquim de Sousa.

Terrugem.—M. J. Cordeiro.—Recebemos cartas a 10\$00. Pago até 31 de Maio, p. p. Benavile.—J. D. Povoa.—Recebemos 9\$50. Pagou a sua assinatura até 4 do corrente.

Johannesburg.—A. Soeiro.—Recebemos Libras 1-10 que foi levado à conta de vossa assinatura.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	298\$5	
Paris, cheque...	55\$	
Suíça...	378\$5	
Bruxelas cheque	55\$	
New-York...	198\$5	
Amsterdão	78\$5	
Itália, cheque...	71\$	
Brasil, ...	305\$	
Praga,	58\$5	
Suécia, cheque	524\$	
Austrália, cheque	257\$	
Berlim,	467\$	

ESPECTÁCULOS

Fisionomia.—Às 21—Se eu quizesse... O Ministro...—Às 21,30...—O Bombo... Mário Vitoria...—Às 21 e às 22,15...—Oilarias... Selva Negra...—Às 21...—Variedades... Verdades...—Às 21 e às 22,15...—O Pô de Arroz... Cinema L. Vicente (Graca)...—Espectáculos as 21,30...—sábados e domingos com matinées... Encena Perque...—Todas as noites. Concertos...—diversos...

CINEMAS

Tivoli — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arco Bandeira — Promotora — Esperança — Torre — Cine Paris.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—C. 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Olhos, uñas—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—II e as 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Garganta, nariz e ovidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Paiva—7 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.

Dos e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Cozinha e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Rei X—Dr. Aleu Salgado—4 horas.

Análises—Dr. Gabriela Beato—1 horas.

Livros em espanhol

A venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure

La Revolución Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes)

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri.

La Ucrânia revolucionária, Agustín Souchy.

Anarquismo e organização, Rodolfo Rocker.

Entre campesinos, E. Malatesta

Ukrainia, Rudenko.

Miguel Bakunine, J. Guillaume

Los anarquistas (Estudo e replika) Lombroso e Mellia.

Errico Malatesta, Max Nettlau.

Artistas e Rebeldes, R. Rocker

Nicolai, Romain Rolland.

Soviet e Dictadura?, Varin

El Estado moderno, Kropotkin

Dictadura y Revolución, Luiz Fabri.

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker.

Problemas universitários, Lelio O. Leno.

La Revolución, José Torralvo.

Dios y el Estado, M. Bakunine.

Páginas selectas, Multatuli.

Ensaios y Conferencias, Pedro Gori.

Dos años en Russia, E. Goldman

José Torralvo.—La Revolución.

Lélio O. Zeno.—Problemas universitários.

La Revista Blanca.—Arte, Ciência e Literatura. Cada número.

Quintetos, Falala.

La pena de muerte, G. Alomar

El Teatro del Pueblo, V. de Pedro.

El Teatro del Pueblo, por Valentim Pedro.

Acción Directa, por Angel Pestana.

2500

1550

1050

1500

1550

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

1500

A BATALHA

O LIVRO DOS LIVROS...

Continua-se a autópsia da "Bíblia Sagrada"

Vejamos agora as origens de mitos bíblicos, formados sobre pretendidas individualidades históricas, ou mesmo sobre personagens reais.

Confecem a história de Abraão?

Pois bem: Saturno cognominado pelos fenícios Israel, exactamente como depois da sua luta com Deus foi cognominado Jacob, teve um filho chamado Ioud. Por ocasião duma guerra arriscada, Saturno conduziu seu filho a um altar e sacrificou-o. Abraão, chamado Zerban, "rei do ouro", é perfeitamente confundível com Saturno, que foi rei na idade do ouro. Ambos são representados como velhos, e Abraão vai também disposto a sacrificar o filho. O sacrifício não chega a realizar-se, porque o próprio Deus, satisfeito, o impede; mas é que, como ao tempo estava já abolido entre os judeus o uso dos sacrifícios humanos a passagem levantaria reparos.

Vejamos mais: o nome primitivo de Sarah, mulher de Abraão, é Iskhah, que significa a Beleza. Pois também Saturno esposa a Beleza, que seu pai enviara para o seduzir. O nome primitivo de Abraão era Abram. «Altissimo», nome aplicável a Saturno que era o mais afastado dos planetas conhecidos dos antigos.

A história dos patriarcas é, de resto, muito divida. O próprio Lenormant, a-pesar-de católico, o confessa com toda a isenção.

Sabe-se que nas línguas árabicas, das quais o hebreu é um dialeto, os habitantes dum país, os partidários de um chefe, os sectários dumha opinião, são chamados filhos de cada uma dessas coisas. Assim os presumidos patriarcas são os nomes de tribus ou homes de regiões em sua maior parte. Porque também os há meras apropriações dos mitos estrangeiros. Tal, por exemplo, Samso, que é o mesmo que o Hércules dos fenícios e dos gregos.

Hércules, dizem todos os mitólogos, é o emblema do sol; e o nome de Samso significa sol. Hércules era representado nu, levando aos homens as colunas ou as portas de Cadiz; Samso leva aos homens as portas de Gaza. Hércules é feito prisioneiro pelos egípcios, e, quando estes se preparam a vitimá-lo, desprnde-se e mata-os a todos. Samso, amarrado com cordas novas, por homens de Judá, é entregue aos filisteus, mas libertando-se, mata mil déstes, quando estes pretendem matá-lo.

Os habitantes de Carelos, antiga cidade do Lacio, queimavam numa festa anual, grande número de tochas amarradas à cauda de raposas. É claro que este uso religioso não pode ter sido imitado dum aventureiro, qual a de Samso contra os filisteus... Era uma alusão à subida da Raposa celeste que traz consigo os fogos da canícula. E assim se fez a historieta bíblica.

Nas cerimónias de Mitra, os atributos ou propriedades dos planetas eram representados num escudo, ao longo da qual havia sete portas, havendo ainda outra na extremidade superior. Não seria à imitação desta que o cronista bíblico fantasiou a escada da visão de Jacob? Não poderemos ver ainda esta no arco iris, pelo qual, segundo os insulfos do mar do Sul, sobem e descem os heróis, como os anjos da visão? O arco iris, que era para os escandianos «a ponte aérea que liga o céu com a terra», exactamente como a escada de Jacob que se erguia da terra até ao céu?

Todos os patriarcas têm uma longa vida de centenas de anos; imitação attenuada daqueles reis da Assíria que reinaram 43:200 anos cada um, o número dos anos do período da precessão equinocial, tal qual ela estava então calculada.

Os patriarcas Seth, Enok e Nuah (Noé) são deuses (assiricos-babilónicos) escamoteados para a mitologia hebraica.

Jonas é devorado por um monstro marinho que o conserva três dias no ventre, exactamente como Hércules, devorado por um monstro e conservado lá dentro durante três dias. E os cristãos tomam o caso de Jonas como uma figura de resurreição do Jesus!

Entre os descendentes de Sem citam-se os nomes de Raghó, Sorog, Nahor e Haeran, que são tudo nomes de cidades estabelecidas como estações de marcha das migrações, desde as fontes do Tigre até à passagem do Eufrates.

Fica assim completado este trabalho de autópsia da "Bíblia Sagrada".

Heliodoro SALGADO

SOLIDARIEDADE

Comité pró-presos por questões sociais

Reúne-se hoje pelas 21 horas para tratar de vários assuntos de grande importância.

DA FEDERAÇÃO VINICOLA aos organismos aderentes

Recebemos a seguinte nota oficial:

"Tendo este organismo recebido uma circular da U. A. P. e F. J. S., e sabendo que igual documento foi enviado para os organismos aderentes, vem esta Federação de já prevenir-lhos de que, na sua reunião de ontem, resolveu não tomar em consideração a referida circular, visto a sua matéria ser antagônica com as necessidades da organização operária, neste momento em que bastante carece de grande homogeneidade entre os dois factos similares não foram evidentemente os segundos que copiaram dos primeiros..."

Ora Sargon I, quando nasce é metido num cesto de junco betumado, e exposto às margens do Eufrates, sendo depois criado por um pastor. Moisés é metido num cesto de vime betumado, e posto na corrente do Nilo, sendo criado por um faraó da dinastia dos pastores.

Também Osiris e Perseu, recém-nascidos, são lançados ao rio.

Moisés, educado pelos sacerdotes egípcios, não podia deixar de aproveitar para o povo que se propõe educar muitos dos usos egípcios, tais como a unção sagrada dada a Aarão, e depois imitada na sagrada dos reis.

A serpente de Moisés no deserto é a Cobra-mãe do inverno dos jarianos, dada também como omnipotente contra certas molestias, como a serpente de bronze era remédio contra as mordeduras das serpentes autênticas. Era também um velho símbolo oriental da Divindade: a serpente flinchando um círculo, representa a abóboda celeste, e toda marchetada de salpicos dourados, representando as estrelas.

A VENDA a 10.ª SÉRIE DE OS MISTERIOS DO PVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

Universidade de Lisboa

Os alunos da Universidade de Lisboa que pretendam fazer os seus exames na próxima época de Outubro devem entregar os seus requerimentos, na Secretaria Geral, até ao dia 15 do corrente.

Informações Sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho)

Refugiados russos na Argentina

Noticiaram as *Informaciones Sociales* que em consequência dos esforços dos delegados do serviço de refugiados em Buenos Aires, o governo argentino declarou receber os refugiados russos e arménios, como imigrantes nas seguintes condições:

Os refugiados que desejem ali imigrar devem apresentar aos cônsules da República Argentina em Berlim, Varsóvia, Praga, Belgrado, Sofia, Constantinopla e Xangai um passaporte Nansen e um certificado especial no qual se declare que o portador é capaz de efectuar trabalho para que é contratado, que oferece garantias de boa conduta, e não padecer enfermidade física das enumeradas nos regulamentos de imigração daquela república. Estes certificados só são entregues pelos delegados dos serviços de refugiados que têm habilitações técnicas ou profissionais que sejam contratados pela mesma em vários jornais.

Gaba-se muito o *Decalogos*. É original de Moisés... Lês-se no *Ritual dos Mortos* do Egito, cujos sacerdotes conforme já dissemos, foram os mestres de Moisés: «Eu não blasfemei. Eu não tenho falado mal do rei, nem de meu pai. Eu não forjei falsas acusações. Eu não matei à traída...»

O morto procura apresentar-se puro diante do divino juiz e enumera os crimes que não praticou—os mesmos crimes proibidos no *Decalogos*.

Antes de eleito para director do seu povo, Moisés tem a suprema revelação do monoteísmo por meio dumas sarças que ardiam sem-se consumir, e do meio da qual se escuta uma voz que diz: *Eu sou aquele que é—a mais elevada de todas as conceções metafísicas de Deus. Mas também a alameda de Feronia arde sem se consumir!*

Mais coisas copiadas do Egito: No culto da Aten, sob Amenhótep IV, existiu a mesa dos pás da propiciação referida no *Exodo*, com adopção no culto hebreu. *Aten ou Adonai* é, por sua vez, o mesmo que *Adonai*. A arca da aliança, uma cópia das barcas sagradas dos reis egípcios, onde se dedicam as suas oferendas.

A circuncisão adoptada pelos judeus, era usada no Egito, por motivo de aceio, segundo Herodeto. Como depois o foi pelos judeus, o porco era pelos egípcios considerado animal imundo.

A organização da sociedade judaica, descrita tão minuciosamente no *Pentateuco*, é copiada da constituição egípcia: obra apena de erudição que nunca adquiriu realmente prática entre os judeus. Foi o que nuns hoje diríamos uma organização para o papel.

Segundo Simith (*O Livro de Moisés*), o ceremonial exterior dos levitas é todo sacerdócio egípcio: a arca de Jehovah é o andor de Amun; o Tabernáculo terá sido recalcado sobre os templos egípcios: a tunica do grande sacerdote, a unção das franges do seu vestuário é tudo da origem egípcia.

Tendo adoptado dos egípcios a divisão do ano em três estações, também os judeus perfilariam as suas festas principais, subsistindo ainda hoje no Cristianismo. Sha, a estação inicial, ou da inundação do Nilo, com a festa das barracas; Pre, a das semestrais, com a festa do Pentecostes; e Shem, das colheitas com a festa dos pás asimós (no cristianismo, a benção das colheitas pelo padre quer no Catolicismo quer no Protestantismo).

Passagens morais:

Diz o livro de moral de Ptah Hotep: «O filho que atende à palavra de seu pai, chegará a ser velho por causa disso». Diz o *Exodo*: «Honra teu pai e tua mãe para que os teus dias se prolonguem sobre a terra.» O livro de Ptah Hotep: «A obediência dum filho é a alegria de seu pai. Nos Provérbios: «O filho prudente dá alegria a seu pai.»

Solon diz a Creso: «Não chameis feliz a homem algum antes da sua morte.» E lê-se no *Eclesiastes*: «Antes da morte, não exalteis os homens alguma.»

Todos devem ter lido algumas das páginas líricas da *Bíblia*, o *Canticos dos canticos* ou os *Psalmos*. Pois vejam esse pequeno trecho dos *Vedas*, e digam se não parecem um exérpito dos livros sagrados do cristianismo.

«Tu és grande, oh! Indra! Terra e céu obedecem ao teu imperio! Quando nasces, o teu creme, tremem a terra de terror pela cólera de teu filho. Dançam as fortes montanhas: suam os desertos, correm as águas... Etc., etc., etc.»

Evidentemente, muito mais haveria que dizer. Mas o que fica basta a provar que na *Bíblia* nada há de original, o que será a última prova que nos faltava para lhe confirmarmos a autoridade de revelação divina que os ortodoxos lhe conferem.

Fica assim completado este trabalho de autópsia da "Bíblia Sagrada".

Heliodoro SALGADO

O descanso dominical é uma velha aspiração dos trabalhadores da imprensa que deve ter imediata efectivação

LUTA DE CLASSES

O conflito do "Correio da Manhã"

Nota oficial da Associação dos Compositores Tipográficos

Mal supunha a direcção deste sindicato que ao tentar junto da empresa do *Correio da Manhã* a solução do conflito suscitado entre o seu quadro tipográfico e o novo chefe proposto por aquela empresa havia intuições reservadas da parte destas, como hoje se verifica pela nota oficial publicada pela mesma em vários jornais.

Ainda quando esta direcção entrevistou o sr. dr. Fernando Pizarro, sua ex-*delegado*, que não tinha nenhuma animadversão para com o quadro nem tão pouco consentia que o novo chefe fosse exercer representações ou cercar regularias.

Só podia de prazer irritar as questões ou fazer acreditar ao público que os culpados da suspensão de qualquer jornal são os operários e não as empresas é que se costumam publicar notas oficiais.

A Comissão instaladora, tendo apreciado que os sindicatos dos Litógrafos e Anexos, Trabalhadores de Imprensa, Carruageiros, Pessoal do Depósito de Fardamentos, União Téxtil, Confeiteiros e Pasteleiros, Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, Tecidos de Seda, Chapeleiros, Barbeiros, Fogueiros de Terra e Mar e Carpinteiros de longo curso não têm tido representação nos conselhos desta Câmara, pela ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi criada, tendo tal anomalia feito com que a C. S. T. tenha sido uma vaga hipótese de organização, quando é necessário que seja uma organização potente de facto e de direito, e tendo a Comissão Instaladora, necessitado de fazer interessar todos os sindicatos numa série de trabalhos a apresentar à reunião do próximo Conselho, lembrar a ausência dos seus delegados ou por falta de nomeação dos mesmos e verificando que a falta de representação de tantos sindicatos impossibilita esta Câmara de levar a bom termo a missão para a qual foi